

sinopse A história de dois irmãos japoneses que vivem separados desde o divórcio dos seus pais. Koichi (Koki Maeda), o mais velho, mora com a mãe (Nene Ohtsuka) e com os avós em Kagoshima. Ryu (Ohshiro Maeda), por seu lado, vive com o pai (Joe Odagiri) em Fukuoka. O maior desejo de Koichi é a reconciliação dos progenitores e a conseqüente reunião familiar. E é então que, acreditando que um desejo formulado no momento em que dois comboios se interceptam se tornará realidade, ele organiza uma viagem com o seu irmão e alguns amigos até algures a meio caminho entre Kagoshima e Fukuoka, ao lugar onde os comboios se cruzam. E a fé deles é tão grande que algo de verdadeiramente grandioso acaba por acontecer.

Um filme escrito e realizado pelo japonês Hirokazu Koreeda, depois dos premiados "Ninguém Sabe" (2004) e "Andando" (2008).

ficha técnica

Título original: Kiseki / I Wish (Japão, 2011, 128 min.)
Realização, Argumento e Montagem: Hirokazu Koreeda
Interpretação: Koki Maeda, Ohshirô Maeda, Ryôga Hayashi
Produção: Kentaro Koike, Hijiri Taguchi
Fotografia: Yutaka Yamasaki
Estreia: 9 de Agosto de 2012
Distribuição: Clap Filmes
Classificação: M/12



Escolher o mundo em vez da família

Luis Miguel Oliveira, Público de 9 de Agosto de 2012

Dois irmãos, separados depois do divórcio dos pais, congeminam estratégias para remediar a situação e voltarem a estar todos juntos outra vez.

Em Portugal conhecemos o japonês Hirokazu Kore-eda (n. 1962) através de Ninguém Sabe, um filme de 2004 que era um espantoso, tanto quanto brutal, retrato de um grupo de crianças, construído a partir da história verídica de uma mãe que tinha deixado ao mais completo abandono os seus muitos filhos. Era um olhar sobre a infância poderosíssimo, totalmente desprovido de clichés e lugares-comuns, do género que no Ocidente (Europa ou América) se tornou raro ou quase impossível (sublinhamos o “quase”: um filme como Nana, de Valérie Massadian, mostrou-nos recentemente que ainda não é impossível). Ninguém Sabe, ultrapassando o seu negrume muito cru - afinal, era uma situação “extrema” - terminava em sobrevivência e aceitação. “Sobrevivia-se” à infância, aceitavam (os miúdos) a noção difusa da transitoriedade da infância, acolhiam a vida que, vistas bem as coisas, estava ainda toda pela frente.

Oito anos depois, com O Meu Maior Desejo, Hirokazu Kore-eda volta ao universo infantil para uma história que se conclui na mesma aceitação, no mesmo vislumbre de um amadurecimento apenas intuído: “escolhi o mundo em vez da minha família”, ouve-se dizer depois da cena crucial e vagamente anti-climática de O Meu Maior Desejo. É a espécie de moral da história deste belíssimo filme.

Muito menos “extremo” do que Ninguém Sabe; pelo contrário, as vidas dos seus jovens protagonistas são bastante banais, e aquilo que é magnífico no filme é justamente a maneira como filma essa banalidade sem a trair (quer dizer, sem “inventar” razões para a transcender), mas ao mesmo tempo sem trair o olhar dos miúdos - que evidentemente, e como todos os miúdos, se imaginam especialíssimos, como se estivessem no centro do mundo e possuíssem algum tipo de poder capaz de o influenciar. E eis portanto como dois irmãos, separados depois do divórcio dos pais (um ficou com a mãe e os avós, o outro foi viver com o pai), congeminam estratégias para remediar a situação e voltarem a estar todos juntos outra vez. Pensamento mágico - como também é normal, os miúdos pensam que são eles que tomam conta dos pais e não o contrário - levado ao extremo do wishful thinking: parece que, por razões insondáveis, quando dois “comboios-bala” se cruzam a alta velocidade existe uma tal condensação de energia que qualquer desejo formulado nesse momento será inevitavelmente concretizado. Os dois irmãos, separados fisicamente mas unidos pelas maravilhas da tecnologia moderna (os telemóveis), organizam então uma vasta operação logística, de modo a estarem presentes no exacto momento e no exacto sítio em que os “comboios-bala”, de uma linha recentemente inaugurada entre as cidades de ambos, se cruzarão. É praticamente toda a história do filme.

Arrancada ao quotidiano, à escola, à televisão, aos primeiros interesses por raparigas e às primeiras raparigas interessadas, ao retrato em segundo plano dos adultos (a mãe e as suas dificuldades económicas, o pai e os seus “sonhos rock and roll” semi-frustrados, os avós e a sua profunda serenidade, como japoneses vindos de um filme de Ozu). Toda esta modernidade, tecnológica e social, testemunhada pelo que é antigo, pelo que sempre ali esteve: a sombra do grande vulcão perto de Kagoshima (que também serve para as fantasias da reunião: “se houvesse uma erupção tínhamos que ir embora e ficávamos todos juntos outra vez”), representando tudo o que é ancestral, o Japão “antigo” mas também a força da natureza, tudo o que na vida é indomável. A própria vida: a cena final de *O Meu Maior Desejo* é o que de mais parecido com o plano final da *Viagem a Tóquio* (com uma criança em vez do velho Chishu Ryu) alguém conseguiu filmar (de resto, talvez desde *Bom Dia!* que não víssemos miúdos japoneses assim). Não é a mesma coisa, não; mas está muito bem como está.

Realismo em tom japonês

João Lopes, Cinemax

Hirokazu Kore-eda é dos poucos cineastas japoneses contemporâneos que, apesar de tudo, tem mantido uma presença regular no mercado português. Agora, com "*O Meu Maior Desejo*", descobrimo-lo de novo a retratar as nuances do universo infantil.

É pena que o mercado português não mantenha uma relação mais regular com a actual produção cinematográfica do Japão (entre outros países mais ou menos distantes). Sobretudo porque exemplos soltos como o de Hirokazu Kore-eda nos permitem perceber que há, nessa produção, uma atenção muito especial ao presente social e familiar, atravessada por temas que possuem uma evidente universalidade.

Koreeda, vale a pena recordar, possui uma formação de natureza documental. Não admira, por isso, que a complexidade dramática das suas histórias e personagens parta sempre de uma metódica observação do quotidiano (sobre as suas origens documentais, sugere-se a leitura de uma entrevista dada no âmbito do Festival de Yamagata).

Agora, depois de "Ninguém Sabe" (2004) e "Andando" (2008), reencontramos o trabalho de Kore-eda através de "O Meu Maior Desejo" (título inglês: "I Wish"), filme que, antes de tudo o mais, confirma o seu empenhamento em observar as nuances do universo infantil. Mais do que isso: este é um objecto que recoloca a questão das relações crianças/adultos num registo que nos permite perceber o abalo dos padrões tradicionais do espaço familiar.

A peculiar energia do trabalho de Kore-eda enraiza-se num intransigente realismo. É bem verdade que o ponto de partida da intriga de "O Meu Maior Desejo" possui um claro apelo de fábula: um grupo de crianças empreende uma viagem para, no local em que se cruzam dois comboios de alta velocidade, formularem os seus desejos (acreditando que assim se concretizarão)... Mas não é menos verdade que o cineasta nunca reduz os seus pequenos heróis a qualquer coisa de anedótico ou pitoresco; de facto, eles estão a tentar encontrar o seu lugar no mundo.

Sabemos que, hoje em dia, muitos produtos "telenovelescos" ("Morangos com Açúcar" e seus derivados) reduzem as personagens infantis a "bonecos" sem existência dramática nem espessura emocional. Por isso mesmo, filmes como "O Meu Maior Desejo" correspondem a uma salutar reacção contra uma cultura da banalização humana, tanto mais que Kore-eda sabe expor as peculiares tensões entre o velho e o novo. É bem verdade que este não é um filme bafejado pelas manchetes, mas não deixa de ser uma das melhores estreias do nosso Verão cinematográfico.

ENTREVISTA A HIROKAZU KORE-EDA

De onde surgiu o título original do filme, "Kiseki" (milagre)?

É um título simples mas muito bom. Estou surpreendido que nenhum filme japonês tenha tido este título anteriormente. As crianças, a forma como vivem, o equilíbrio entre todos eles, foi francamente um milagre.

O que significa para si filmar com crianças?

Gosto da forma como são incompletos e como a sua presença é desequilibrada. Filmar crianças em filmes como NINGUÉM SABE e O MEU MAIOR DESEJO faz-me pensar. Começo por ver a sociedade através do seu olhar e da sua existência. Deve ter a ver com o facto de agora ser pai, mas todos os adultos em O MEU MAIOR DESEJO são adultos que eu gostava de ser. Quero ser um adulto que, calmamente, espera que os seus filhos voltem para casa depois das suas aventuras.



O filme parece-se com o abraço de um adulto a uma criança...

Lugares como a livraria e o gabinete da enfermeira, para os quais as crianças vão, são refúgios. As crianças não são julgadas neste locais ou atormentadas pelas notas da escola. A presença dos avós é um refúgio no interior da família e quis dar às crianças um lugar onde pudessem relaxar e sentirem-se seguras. Quando estava na escola primária gostei de uma bibliotecária e tornei-me um rato de biblioteca. Também passei muito tempo na enfermaria... (risos).

Porque pediu a Shigeru Kishida (dos Quruli) para compor a música?

Quando estava a escrever a cena em que os miúdos fogem a correr, achei que seria bom ter a música do Quruli. Depois disso não consegui pensar em mais ninguém para a música. Não sei

porquê mas a música deles e as crianças combinam muito bem. Ele [Shigeru Kishida] viu a primeira versão do filme e gostou muito. Disse: “já tenho três canções!” Depois viu uma versão mais curta e recebi uma nota escrita à mão, que dizia “Não!”. Afirmou que o tempo gasto com as crianças no ecrã estava a ser manipulado e editado demasiado pelas mãos dos adultos. Ele adora o filme e tinha razão nesse ponto, portanto concordei e mudei o filme para a montagem original. Estava a apressar as coisas para contar a história e a opinião dele fez-me recuar e ver o filme na sua integralidade.

O que ganham as crianças no final da sua aventura?

Na cena em que estão a descer as escadas da estação de Kagoshima, Seinosuke, que interpreta a personagem de Makoto, disse-me: “Pode rescussitar Marble? Faça um final feliz.” (risos) Mas eu disse-lhe que não era de todo um final triste. Koichi e os miúdos vão pensando sobre o mundo durante a viagem. Eles aprendem que, mesmo quando se pede um desejo, não significa que o mundo vá mudar da forma que queremos. E depois regressam a casa. A família não vai voltar a reunir-se e Marble não vai voltar a viver, mas apercebem-se de que fazem parte deste mundo também. É também por esta altura que eles aprendem que só por gostarmos de alguém não significa que vão gostar de nós em troca. E se pensarem que isso faz parte da vida, vão crescer como pessoas. As emoções próximas do desespero podem ajudar as pessoas a crescer. Pessoalmente, acho que esse é o milagre da vida.